

MUSEOLOGIA

FCS
FACULDADE DE
CIÊNCIAS SOCIAIS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

Uma história da Vila Itatiaia (Goiânia-GO) a partir dos relatos de seus moradores

Francil Paulo

Goiânia
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Francil Paulo

Título do trabalho: Uma história da Vila Itatiaia (Goiânia-GO) a partir dos relatos de seus moradores

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Michel Platini Fernandes Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 19/11/2025, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francil Paulo, Discente**, em 19/11/2025, às 16:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5801236** e o código CRC **553C43F6**.

Referência: Processo nº 23070.056803/2025-57

SEI nº 5801236

Francil Paulo

Uma história da Vila Itatiaia (Goiânia-GO) a partir dos relatos de seus moradores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel/a em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Michel Platini Fernandes da Silva

Goiânia

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Paulo, Francil

Uma história da Vila Itatiaia (Goiânia-GO) a partir dos relatos de seus moradores [manuscrito] / Francil Paulo. - 2025.

XLI, 41 f.

Orientador: Prof. Michel Platini Fernandes da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Museologia, Goiânia, 2025.

Apêndice.

1. Museologia. 2. Vila Itatiaia. 3. memória. 4. história de bairros. I. Silva, Michel Platini Fernandes da, orient. II. Título.

CDU 069.1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezenove dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e cinco, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Uma história da Vila Itatiaia (Goiânia-GO) a partir dos relatos de seus moradores”, de autoria de Francil Paulo, do curso de Museologia, da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. Michel Platini Fernandes da Silva – orientador (FCS/UFG) com a participação do membro da Banca Examinadora: Prof. Dr. Glauber Guedes Ferreira de Lima (FCS/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **7,5**, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Michel Platini Fernandes Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 19/11/2025, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glauber Guedes Ferreira De Lima, Coordenador**, em 19/11/2025, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5757962** e o código CRC **1D21B75B**.

DEDICATÓRIA

Quero dedicar especialmente meus agradecimentos a uma pessoa bastante especial durante meus estudos de Museologia.

Ao professor Michel Platini, peça fundamental para a conclusão do meu curso.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Deus. Ao meu criador pela oportunidade de vir ao mundo e poder estudar em uma universidade. Agradeço também aos meus pais e a todos aqueles que contribuíram para minha formação universitária, principalmente aos professores.

Queira,
basta ser sincero e desejar profundo
você será capaz de sacudir o mundo
Vai,
tente outra vez

“Tente outra vez”, de Raul Seixas
gravada no disco “Novo aeon”, 1975

RESUMO

Paulo, Francil. Uma história da Vila Itatiaia (Goiânia-GO) a partir dos relatos de seus moradores. Orientador: Prof. Dr. Michel Platini. 2025. 51p. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Museologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.

Este trabalho investiga a história da Vila Itatiaia, conjunto habitacional em Goiânia-GO, a partir dos relatos de seus moradores. O problema central questiona: como os relatos dos moradores revelam e (re)constróem a história, identidade territorial e apropriação do espaço, evidenciando transformações urbanas de Goiânia? O objetivo geral é analisar a história, formação de identidade territorial e apropriação do espaço na Vila Itatiaia através dos relatos moradores. A pesquisa fundamenta-se em referenciais teóricos de história oral (Portelli, Thompson), memória coletiva (Halbwachs, Nora), apropriação espacial (Lefebvre, Melo), toponímia (Tuan) e museologia social (Varine, Soares). As entrevistas semiestruturadas revelam que a Vila Itatiaia é significada através de práticas de lazer no parque central e festas comunitárias; instituições como o Colégio Waldemar Mundim e o Centro Social Urbano); transformações nas dinâmicas de apropriação; percepções diversas de segurança. O estudo conclui que história urbana é construída por sujeitos ordinários através de práticas cotidianas de significação territorial. A pesquisa contribui para o campo da Museologia, demonstrando potencial de musealização de narrativas comunitárias como estratégia de reconhecimento de agência de moradores e patrimonialização de histórias locais em contextos periféricos.

Palavras-chave: Museologia; Vila Itatiaia; história oral; identidade territorial; apropriação do espaço.

ABSTRACT

This study investigates the history of Vila Itatiaia, a residential complex in Goiânia-GO, Brazil, through the accounts of its residents. The central research question asks: how do residents' narratives reveal and (re)construct history, territorial identity, and space appropriation, evidencing Goiânia's urban transformations? The general objective is to analyze the history, formation of territorial identity, and space appropriation in Vila Itatiaia through residents' accounts. The research is grounded in theoretical frameworks of oral history (Portelli, Thompson), collective memory (Halbwachs, Nora), spatial appropriation (Lefebvre, Melo), topophilia (Tuan), and social museology (Varine, Soares). Semi-structured interviews reveal that Vila Itatiaia is signified through leisure practices in the central park and community celebrations; institutions such as Colégio Waldemar Mundim and Centro Social Urbano; transformations in appropriation dynamics; and diverse perceptions of security. The study concludes that urban history is constructed by ordinary subjects through everyday practices of territorial signification. The research contributes to the field of Museology, demonstrating the potential of musealizing community narratives as a strategy for recognizing residents' agency and patrimonializing local histories in peripheral contexts.

Keywords: Museology; Museum Studies; Vila Itatiaia; oral history; territorial identity; space appropriation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COHAB	Companhia de Habitação Popular
CSU	Centro Social e Urbano
UCG	Universidade Católica de Goiás
UnB	Universidade de Brasília
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

1.	Introdução	16
2.	Vila Itatiaia: projeto e práticas	20
	2.1. Goiânia no contexto da expansão urbana brasileira: o lugar da Vila Itatiaia	21
	2.2. A Vila Itatiaia pelos relatos de seus moradores: dimensões de apropriação, lazer e sociabilidade	22
	2.3. Transformações nas práticas de lazer: tecnologia, mudança geracional e perda de sociabilidade	23
	2.4. O Centro Social Urbano (CSU) como instituição de apropriação comunitária.	24
	2.5. A Universidade Federal de Goiás (UFG) como ator territorial	25
	2.6. Segurança e territorialidade: percepções de risco e apropriação do espaço	25
	2.7. Colégio Waldemar Mundim como espaço de memória compartilhada.....	26
	2.8. Memória Coletiva e Narrativas de Transformação.....	26
	2.9. Conclusão	27
3.	Referências	28
	a. Obras consultadas	28
	b. Depoimentos coletados.....	29
4.	Apêndices.....	31
	Apêndice A – Entrevista com Jackeline Prado Santos	31
	Apêndice B – Entrevista com Hugo Fullaneto	33
	Apêndice C – Entrevista com James Trindade Paniago	35
	Apêndice D – Entrevista com Paulo Henrique dos Santos.....	37
	Apêndice E – Entrevista com Marcelo Caetano da Silva	39
	Apêndice F – Entrevista com Márcia Santos Brandão	41
	Apêndice G – Entrevista com Luciana dos Santos	43

1. Introdução

Esta pesquisa apresenta um estudo aprofundado sobre a história da Vila Itatiaia, localizada em Goiânia-GO, a partir da perspectiva única e multifacetada de seus moradores. A investigação se propõe a desvendar as camadas de memória, identidade e apropriação do espaço que constituem a experiência de habitar este conjunto, compreendendo-o não apenas como um espaço físico, mas como um território de vivências, afetos e transformações. Em um cenário de urbanização acelerada e por vezes fragmentada, a análise das narrativas orais emerge como uma ferramenta fundamental para a construção de uma história mais inclusiva e representativa, capaz de ecoar as vozes daqueles que diariamente constroem e ressignificam seus lugares.

O tema central desta pesquisa se volta a registrar uma história da Vila Itatiaia (Goiânia-GO) a partir dos relatos de seus moradores. Este tema reflete o interesse em explorar as dinâmicas socioespaciais e a construção da memória coletiva de um conjunto habitacional específico, situado na capital goiana, por meio das experiências e percepções de seus habitantes. A abordagem escolhida prioriza a oralidade e a subjetividade como fontes primárias para a compreensão das transformações urbanas, da formação identitária e da relação entre indivíduos e seu ambiente construído.

Do ponto de vista científico, a pesquisa contribui para os campos da História Urbana e da Museologia ao focar na Vila Itatiaia, um conjunto habitacional planejado em 1977. A análise dos relatos orais, conforme preconizado por Portelli (1997) e Thompson (2002), permite a construção de uma narrativa histórica que transcende os documentos oficiais, inserindo as subjetividades, os conflitos e as apropriações cotidianas nos estudos sobre bairros. A pesquisa aprofunda a compreensão sobre como a memória coletiva (Halbwachs, 1990) se forma e se manifesta em contextos urbanos em constante mutação, e como essa memória é essencial para a compreensão das identidades territoriais. Além disso, a investigação dialoga com as teorias da apropriação do espaço (Lefebvre, 2006) e da morfologia urbana, oferecendo novos insights sobre a relação dialética entre o espaço planejado e o espaço vivido.

A relevância social deste trabalho reside na sua capacidade de dar voz e visibilidade aos moradores da Vila Itatiaia. Em um contexto urbano marcado pela expansão desordenada, pela segregação territorial e por processos de adensamento que muitas vezes desconsideram

as comunidades já estabelecidas, a valorização das narrativas locais torna-se um ato político e socialmente engajado. A pesquisa busca resgatar e documentar histórias que, de outra forma, poderiam ser perdidas ou marginalizadas pela história oficial. Ao reconhecer os moradores como agentes ativos na construção da história de seu bairro, o estudo promove o empoderamento comunitário e fortalece os laços sociais. A Vila Itatiaia, como um microcosmo da cidade de Goiânia – planejada em 1933 e depois confrontada com desafios de crescimento –, serve como um exemplo paradigmático para entender como a vida cotidiana das pessoas é moldada e, por sua vez, molda o ambiente urbano. As discussões sobre apropriação do espaço público, identidade territorial e as transformações urbanas, como a verticalização, são centrais para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas e para o planejamento urbano mais sensível às necessidades dos cidadãos.

No campo cultural, a pesquisa contribui para a preservação e valorização do patrimônio imaterial. Os relatos dos moradores, suas memórias, suas tradições, seus saberes e suas práticas cotidianas representam um acervo cultural riquíssimo e dinâmico. A abordagem museológica adotada neste trabalho reconhece que a cultura não se limita a objetos materiais estáticos, mas se manifesta de forma dinâmica nas experiências humanas. O estudo das narrativas da Vila Itatiaia permite documentar e interpretar a cultura local, os modos de vida, as festividades, os conflitos e as soluções encontradas pela comunidade ao longo do tempo. Este patrimônio intangível, uma vez registrado e analisado, pode se tornar uma base para iniciativas culturais futuras, para a educação patrimonial e para o fortalecimento do senso de pertencimento e orgulho comunitário.

O campo da Museologia tem expandido seus horizontes para além dos muros das instituições tradicionais, abraçando o conceito de museu social, ecomuseu e museu do território, conforme proposto por Hugues de Varine (2012) e Georges Henri Rivière (1989). Estes paradigmas enfatizam a comunidade, o território e o patrimônio imaterial como eixos centrais da ação museológica. Este trabalho se alinha a essa visão ao propor a Vila Itatiaia como um “território-museu”, onde as narrativas dos moradores se tornam as “coleções” vivas a serem salvaguardadas e interpretadas. A coleta e análise dos relatos orais, sob uma perspectiva museológica, não visam apenas registrar a história, mas também identificar e potencializar as estratégias de preservação de memória e de patrimônio que já existem na comunidade ou que podem ser desenvolvidas em conjunto com ela.

Problema de Pesquisa

Diante do exposto, a questão central que orienta esta investigação pode ser formulada da seguinte maneira: Como os relatos dos moradores da Vila Itatiaia revelam e (re)construem a história, a identidade territorial e as práticas de apropriação do espaço, evidenciando o impacto das transformações urbanas de Goiânia?

Objetivos

Objetivo Geral

Analisar, por meio dos relatos dos moradores, a história, a formação da identidade territorial e as diversas formas de apropriação do espaço na Vila Itatiaia, Goiânia-GO.

Objetivos Específicos

1. Identificar e sistematizar as principais narrativas históricas e marcos de memória presentes nos relatos orais dos moradores da Vila Itatiaia, desde sua fundação em 1977 até as transformações urbanas mais recentes.
2. Investigar como a experiência de habitar a Vila Itatiaia e a interação com seu ambiente construído contribuíram para a formação e reconfiguração da identidade territorial e do sentimento de pertencimento entre seus habitantes.

Referencial Teórico

Hugues de Varine (2012) e Georges Henri Rivière (1989) rompem com a concepção tradicional de museu como guardião de objetos isolados, para concebê-lo como uma instituição voltada para o desenvolvimento da comunidade e a salvaguarda de seu patrimônio integral dentro de seu próprio território. O museu, nesse sentido, torna-se um agente de transformação social, que atua na valorização das culturas locais, na participação comunitária e na gestão do patrimônio vivo. No contexto brasileiro, Bruno Brulon Soares e Tereza Scheiner (2009) têm aprofundado a discussão sobre museus comunitários e ecomuseus, ressaltando o papel da memória e das narrativas como acervos fundamentais. A Vila Itatiaia, ao ser abordada sob essa perspectiva, é vista como um "território-museu", onde as experiências dos moradores e suas memórias são as "coleções" que devem ser compreendidas, interpretadas e preservadas. Esta perspectiva museológica nos permite ir além da mera documentação, buscando potencializar as vozes e as agências dos sujeitos na construção de sua própria história e na proposição de ações de difusão e preservação.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa exploratória, fundamentada na abordagem da história oral, buscando compreender as narrativas e experiências vividas pelos moradores da Vila Itatiaia. De acordo com Minayo (2014), a pesquisa qualitativa se ocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, focalizando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Assim, privilegamos a riqueza interpretativa das narrativas sobre lazer, sociabilidade, segurança, memória institucional e apropriação territorial.

Coleta de Dados

Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, definidas por Kvale (1996) como interações dialógicas que permitem explorar significados, percepções e experiências dos entrevistados através de questões abertas. Este formato privilegia a narratividade, permitindo que os moradores estruturarem suas falas conforme sua própria lógica interpretativa.

A pesquisa envolveu moradores de diferentes gerações, níveis de engajamento institucional e trajetórias de permanência em Vila Itatiaia. Os critérios de inclusão compreenderam:

- Residência em Vila Itatiaia por período mínimo de 5 anos;
- Disposição para narrar experiências sobre sociabilidade, lazer, segurança e instituições;
- Diversidade geracional e de gênero

As entrevistas foram orientadas por um roteiro semiestruturado contendo tópicos principais:

- Lazer e Sociabilidade: Atividades de lazer passadas e contemporâneas; papel do Centro Social Urbano (CSU); práticas de encontro e convivialidade;
- Segurança e Territorialidade: Percepções sobre segurança; mudanças ao longo do tempo;
- Memória Institucional: Vínculos com Colégio Waldemar Mundim (experiências escolares, eventos comunitários); engajamento com UFG;
- Apropriação e Identidade Territorial: Sentimentos de pertencimento; transformações no espaço; lugares de significação afetiva.

As entrevistas foram gravadas com um smartphone e transcritas na íntegra.

2. Vila Itatiaia: projeto e práticas

A Vila Itatiaia inscreve-se na história de Goiânia como produto de um processo contraditório: concebida como espaço planejado para habitação social, caracteriza-se pela experiência vivida de seus moradores, cujas narrativas revelam apropriações, transformações e ressignificações que extrapolam as intenções projetivas originais. As falas dos entrevistados evidenciam que o espaço não é mero recipiente de ações, mas construção social permanente, moldada por práticas cotidianas de lazer, convívio, segurança e pertencimento. Conforme Tuan (1980), o lugar emerge da experiência vivida, daquilo que os sujeitos fazem, sentem e memorizam em determinado espaço. Assim, compreender Vila Itatiaia exige escuta atenta às vozes de seus moradores, pois são eles que habitam o espaço público (Melo, 2017) e conferem-lhe significações.

Este capítulo problematiza a história da Vila Itatiaia a partir das narrativas de apropriação e pertencimento coletadas, contextualizando-as nas dinâmicas de expansão urbana e segregação territorial que marcaram o desenvolvimento de Goiânia (Nunes; Ramos, 2018). O objetivo é revelar como os relatos moradores reconstroem não apenas a cronologia, mas a identidade territorial, práticas de ressignificação espacial e processos de memória coletiva que iluminam as transformações urbanas experimentadas no território.

O Conjunto Itatiaia ou Vila Itatiaia foi elaborado como projeto ainda durante o governo militar, na década de 1970. Construído ao lado da UFG (Universidade Federal de Goiás), o conjunto habitacional foi construído ao longo do ano de 1977. O conjunto era para ser entregue aos contemplados via sorteio pela COHAB (Companhia de Habitação Popular); ou seja, todos os contemplados tiveram que passar pelo crivo do sorteio da COHAB, criada em 1964.

O Conjunto Habitacional Vila Itatiaia foi criado em 1977, por meio do Decreto nº 308 (GOIÂNIA, 1977), e seu objetivo inicial era suprir a demanda de moradia dos funcionários da UFG, sobretudo dos que trabalhavam no Campus II, área que se encontrava em processo de expansão física. O empreendimento, localizado na região norte de Goiânia, próximo à GO-080, era de responsabilidade da Cohab-GO e foi executado em duas etapas: a primeira foi entregue em 1978 e a segunda, em 1982. (Melo, 2017, p. 103)

Diferente do que aponta Melo (2017), nos relatos de moradores há uma controvérsia se o conjunto teria sido construído para moradia de servidores da UFG.

O Conjunto Itatiaia foi inaugurado em 1978, no mês de março, pelo então governador Irapuan Costa Junior, governador bionicamente indicado pelos militares. Mas ao entregar as chaves das casas no final de 1977, muitas pessoas contempladas entraram para as casas com o bairro ainda em construção, gerando muitos comentários inverídicos sobre o bairro, tais como uma rua seria asfaltada e outra não.

Apesar da falta de estrutura urbana e das condições insalubres que os moradores enfrentaram nos anos que se seguiram à implantação, o conjunto é abastecido com água tratada e conta com rede de esgoto, energia elétrica, serviços de pavimentação, transporte e iluminação pública (Melo, 2013, p. 104-105).

O conjunto foi planejado pelo escritório Grupo Quatro Arquitetura com evidente influência das escolas de arquitetura da UnB e da Universidade Católica de Goiás.

Como comentado, consolidou-se em Goiânia uma cultura de projeto urbano, iniciada com os planos de Atílio Corrêa Lima e Armando Godoy, reforçada posteriormente com o surgimento de novas propostas de desenho urbano para empreendimentos habitacionais. Há possivelmente uma influência também da implantação da Faculdade de Arquitetura de Brasília (1962) e da Escola de Belas Artes da então Universidade Católica de Goiás (1968), que ocorreu concomitantemente à migração de novos profissionais provenientes de outros centros de estudo que começaram a atuar na capital goianiense.

Entre esses profissionais, destacam-se Luiz Fernando Cruvinel Teixeira, Walfredo Antunes, Walmir Santos Aguiar e Solimar Damasceno, que fundaram em 1974 o escritório Grupo Quatro Arquitetura, responsável pelo desenvolvimento de planos urbanos e intervenções de grande referência para a cidade. (Melo, 2013, p. 101)

2.1. Goiânia no contexto da expansão urbana brasileira: o lugar da Vila Itatiaia

Para compreender a Vila Itatiaia em sua profundidade histórica, é necessário situá-la na trajetória mais ampla de Goiânia. A capital goiana foi projetada em 1933 pelo urbanista Atílio Correia Lima, concebida como expressão de modernidade com traçado planejado e expectativa populacional de 50 mil habitantes (Nunes; Ramos, 2018). Entretanto, a cidade experimentou processo de expansão urbana descontrolada a partir dos anos 1960, particularmente nas regiões Norte, Noroeste e Meia Ponte, onde ocorreram ocupações irregulares e fragmentação territorial.

A Vila Itatiaia constitui-se neste contexto de expansão periférica, designada como complexo habitacional planejado nos anos 1970, concebido com ênfase em áreas verdes e potencial para interação social. Conforme Melo (2017), a Vila foi pensada como espaço público qualificado, onde a morfologia urbana deveria propiciar apropriações e

sociabilidades. Contudo, a realidade enfrentou descontinuidade na gestão pública, abandono de infraestruturas e necessidade de ressignificação constante por parte dos moradores.

Nunes e Ramos (2018) demonstram que a segregação territorial em Goiânia não é acidental, mas resultado de processos históricos de concentração fundiária e exclusão socioespacial. As regiões periféricas, como aquela onde a Vila Itatiaia se insere, experimentaram irregularidades na posse de terra, déficit de infraestruturas básicas e acesso desigual a bens culturais. Esta configuração estrutural marca profundamente as experiências narradas pelos moradores: as práticas de lazer, os usos do espaço público e as memórias de transformação emergem como estratégias de resistência e ressignificação frente a limitações estruturais (Maricato, 1997).

2.2. A Vila Itatiaia pelos relatos de seus moradores: dimensões de apropriação, lazer e sociabilidade

Os moradores entrevistados narram a Vila Itatiaia através de suas práticas de lazer, revelando que o espaço não é habitado passivamente, mas apropriado através de ações cotidianas. A noção de apropriação, conforme teorizada por Melo (2017), refere-se aos mecanismos através dos quais residentes ressignificam e transformam espaços públicos inicialmente concebidos por arquitetos e planejadores.

As entrevistas apontam recorrentemente para o parque como *locus* primordial de sociabilidade. Um morador relata:

Somos cortado por um grande parque ou praça, isso nos proporciona uma gama variada de lazer e atividades, como: futebol, skate, bicicleta e caminhada. Hoje a sociedade está mudada no que se refere à sociabilidade, em relação às crianças, tirando os brinquedos sucateados e as praças também, mas isso é uma questão política, né?

Esta fala condensa uma lógica de apropriação: o parque, embora infraestrutura física planejada, converte-se em lugar através das práticas sociais, tornando-se depositário de significações coletivas (Tuan, 1980). Os encontros ali realizados (atividades esportivas, conversas entre vizinhos, brincadeiras infantis) não eram apenas lazer, mas processos de construção de identidade territorial e vínculo comunitário (Halbwachs, 1990).

A recorrência de festas juninas, eventos de rua e celebrações comunitárias, frequentemente mencionadas nas narrativas, revela que a apropriação não é meramente individual, mas coletiva e ritual. Conforme Connerton (1989), as práticas corporais compartilhadas (danças, refeições, celebrações) constituem mecanismos através dos quais

grupos sociais performatizam e consolidam memórias compartilhadas. As festas na Vila Itatiaia não apenas propiciavam diversão, mas reafirmavam pertencimento, transmitiam valores comunitários entre gerações e marcavam temporalidade social.

2.3. Transformações nas práticas de lazer: tecnologia, mudança geracional e perda de sociabilidade

Um aspecto crítico que emerge nas narrativas é a transformação nas dinâmicas de lazer ao longo do tempo. Moradores apontam que crianças contemporâneas não brincam nas ruas como antes; em seu lugar, tecnologia digital ocupou espaço. Um entrevistado comenta:

Olha, hoje mudou muito. Por imposições da sociedade, hoje as crianças não são as mesmas de antes, hoje você quase não vê crianças brincando no parque, porque elas estão conectadas na tecnologia imposta por essa sociedade. Já não existem mais as brincadeiras saudáveis de antes. Ou seja, realmente mudou muito, não para melhor, mas sim para pior.

Esta observação não é mero lamento nostálgico, mas diagnóstico de mudança nas práticas de apropriação e significação territorial.

Conforme Lefebvre (2006), o espaço é produzido continuamente através de práticas sociais; quando estas práticas transformam-se, a própria produção do espaço altera-se. A substituição de brincadeiras ao ar livre por atividades domésticas mediadas por telas representa reconfiguração da relação entre corpo, movimento e territorialidade. Isto significa que o parque, embora fisicamente presente, experimentou declínio em sua função de apropriação coletiva, tornando-se menos significado como lugar de pertencimento.

Os moradores expressam nostalgia desta perda:

(...) que tipo de atividades de lazer você participa no bairro?

Hoje, somente das reuniões entre amigos nos fins de semana na esquina da rua R-04, churrasco e tomar umas geladas e jogar conversa fora e ouvir música.

Essas atividades são as mesmas que você fazia quando chegou ou cresceu no bairro?

Não, não tem nada a ver. Tudo hoje mudou. Trabalho muito e tenho outra vida agora. Já passou meu tempo de juvenzinha. Agora sou uma coroinha!
[risos]

Esta nostalgia não denota simples melancolia; reflete consciência de transformação estrutural nas práticas de habitação do espaço público. Conforme Nora (1993), a nostalgia

emerge quando memória viva, aquela encarnada em práticas cotidianas, desliza para memória histórica, transformando vivência em passado.

2.4. O Centro Social Urbano (CSU) como instituição de apropriação comunitária

Um tema recorrente nas narrativas refere-se ao Centro Social Urbano (CSU), instituição que funcionava na Vila Itatiaia oferecendo projetos de extensão vinculados à Universidade Federal de Goiás (UFG). Diversos moradores mencionam o CSU como espaço fundamental para atividades culturais e educativas: “Sim, no CSU. Eu ia dançar e tratar dos dentes. E frequentar as festas que davam lá. Era legal demais! [risos]”.

Foi no CSU que aconteceu o projeto de extensão oferecido pela UFG onde foram oferecidas as seguintes atividades:

- Capoeira
- Dança
- Corte e costura
- Curso de datilografia
- Teatro
- Aulas de violão
- Atendimento dentário
- Biblioteca
- Jardim de infância

A Igreja Católica ainda não tinha sua sede própria, realizando suas atividades religiosas no CSU por vários anos. Ali se casavam, ali aconteciam as missas; em suma, todas as atividades da Igreja Católica. Também era no CSU que se votava para as eleições. Ou seja, a vida sociocultural acontecia no Centro Social Urbano: festivais de música, serestas e muitas outras atividades socioculturais da comunidade.

Vale salientar que as atividades desenvolvidas no CSU foram encerradas devido à disputa política entre partidos para dominar a AMOVITA (Associação dos Moradores da Vila Itatiaia), gerando um episódio de violência onde morreram duas pessoas moradoras do bairro em uma seresta, e também da ingerência do Partido dos Trabalhadores, que tanto prejudicou o bairro, uma vez que estávamos no período militar.

O CSU representava programação deliberada de atividades culturais e educativas. Sua importância nas narrativas sugere que moradores anseiam por espaços qualificados de lazer e educação, não apenas por infraestrutura física, mas por experiências de participação, aprendizado e expressão cultural.

A recordação do CSU torna-se ainda mais relevante quando consideramos a carência contemporânea de tais espaços. Oliveira (2023) demonstra que Vila Itatiaia, apesar de sua proximidade com a UFG e presença de população estudantil significativa, sofre de déficit de infraestrutura cultural.

2.5. A Universidade Federal de Goiás (UFG) como ator territorial

As narrativas dos moradores revelam que a UFG não é entidade exterior à Vila Itatiaia, mas ator urbano profundamente imbricado no cotidiano territorial. Diversos entrevistados mencionam que frequentam piscinas, quadras, restaurante e eventos universitários. Um morador relata:

Sim, estudei na UFG e participei de vários projetos de dança, de exposições. Agora mesmo, recentemente, participei do Encontro Nacional da UNE, e também aproveitei de vários espaços da UFG. Até hoje participo da vida do bairro com a universidade, acho super importante a participação da comunidade, porque temos um grande privilégio em morar vizinhos de uma universidade tão maravilhosa.

Esta apropriação de infraestrutura universitária por moradores de Vila Itatiaia exemplifica como limites entre público e institucional dissolvem-se nas práticas reais de habitação. Para moradores periféricos com acesso limitado a equipamentos de lazer, a UFG torna-se espaço público de facto, mesmo que formalmente institucional. Esta apropriação revela estratégia de inclusão territorial através da proximidade geográfica, onde presença universitária eleva potencial de acesso a bens e atividades culturais.

2.6. Segurança e territorialidade: percepções de risco e apropriação do espaço

As entrevistas revelam percepções diversas sobre segurança na Vila Itatiaia. Enquanto alguns moradores consideram a vila "um lugar seguro", outros reconhecem "incidentes isolados de violência". Estas narrativas não são contraditórias, mas revelam múltiplas espacialidades de risco dentro do mesmo território.

Conforme Tuan (1980), a experiência de lugar é sempre multidimensional: o mesmo espaço pode ser simultaneamente seguro e ameaçador conforme história pessoal, circulação

territorial e vulnerabilidades específicas. A diversidade de percepções sobre segurança em Vila Itatiaia reflete que segurança não é propriedade objetiva do espaço, mas resultado de negociação entre estruturas de risco, práticas de vigilância comunitária e histórias pessoais.

A observação de que alguns percebem a vila como "mais segura agora que no passado" sugere que transformações urbanas, particularmente verticalização e maior densidade populacional, trouxeram maior vigilância natural e presença comunitária.

2.7. Colégio Waldemar Mundim como espaço de memória compartilhada

Uma instituição que emerge com destaque nas narrativas é o Colégio Waldemar Mundim. Múltiplos entrevistados relatam experiências escolares ali vividas, mencionando eventos específicos como o "Sete de Setembro" (parada militar/cívica) e "Festas Juninas" (celebrações culturais populares).

O colégio exemplifica como instituições educacionais funcionam como depositários de memória coletiva e construtoras de identidade territorial (Halbwachs, 1990; Nora, 1993). Conforme Portelli (1997), ao recordarem experiências escolares (uniformes, professores, amigos) os sujeitos reconstroem não apenas passado pessoal, mas identidade de grupo enraizada em lugar específico. Para moradores da Vila Itatiaia, o Waldemar Mundim não é apenas escola, mas instituição que marca temporalidade de infância, adolescência e incorporação em comunidade territorial específica.

2.8. Memória Coletiva e Narrativas de Transformação

A emergência de narrativas nostálgicas nas entrevistas — recordações de tempos "quando havia mais vida, mais movimento" — não deve ser interpretada como "perda de autenticidade", mas como marcador de transformação real nas práticas sociais e configurações territoriais. Conforme Connerton (1989), a memória é incorporada nas práticas cotidianas; quando estas práticas transformam-se (crianças deixam de brincar na rua, CSU fecha, eventos comunitários diminuem), a própria memória vivida altera-se.

As narrativas nostálgicas, portanto, constituem evidência histórica de que Vila Itatiaia experienciou transformação significativa nas formas de apropriação e significação territorial. Esta transformação não é meramente cultural, mas estrutural: alteração em infraestruturas, morfologia urbana, demografia e configuração de risco/segurança no território.

2.9. Conclusão

A Vila Itatiaia emerge das narrativas de seus moradores não como espaço estático, mas como território continuamente reescrito através de práticas de apropriação, memória e significação. As vozes coletadas revelam que história da vila não é apenas cronologia de eventos, mas trama vivida de relações entre pessoas, infraestruturas, instituições e transformações urbanas.

Os moradores reconstróem Vila Itatiaia através de três dimensões principais:

Apropriação territorial: prática contínua de ressignificação de espaços planejados (parque, CSU, proximidade com UFG) através de ações cotidianas de lazer, convivialidade e educação.

Identidade territorial: construção de pertencimento e identificação com lugar através de instituições memoráveis (Colégio Waldemar Mundim), práticas rituais (festas juninas, eventos comunitários) e experiências geracionais compartilhadas.

Transformação urbana vivida: consciência de mudanças nas práticas de apropriação, nas dinâmicas demográficas e nas configurações de segurança, vivenciadas como perda de formas anteriores de vida coletiva.

Compreender Vila Itatiaia a partir dos relatos de seus moradores significa, portanto, reconhecer que história urbana não é construída apenas por planejadores e instituições, mas por sujeitos comuns através de práticas cotidianas de significação territorial.

3. Referências

a. Obras consultadas

Bellorio, Grazielli Bruno. Adensamento e verticalização em Goiânia nos Planos Diretores 1968-2007. 2013. 178 p. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Econômicas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

Connerton, Paul. **How societies remember**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Gadamer, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2002.

Halbwachs, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

Kvale, Steinar. **InterViews**: an introduction to qualitative research interviewing. Thousand Oaks: SAGE, 1996.

Lefebvre, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.

Maricato, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Hucitec, 1997.

Melo, Camila Arantes de. Habitar o espaço público: reflexões sobre apropriação e morfologia urbana na Vila Itatiaia. 2017. 216 p. **Dissertação** (Mestrado em Arquitetura – Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

Minayo, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

Newman, Oscar. **Defensible space**: crime prevention through urban design. New York: Macmillan, 1972.

Nora, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

Oliveira, Stella Martins de. Caminho das artes: Centro de Artes na Vila Itatiaia - Goiânia. 2023. 40 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023.

Portelli, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, fev. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/11233/8240>. Acesso em: 28 ago. 2025.

Ramos, Helci Ferreira; Nunes, Fabrizia Gioppo. Expansão urbana e a questão fundiária: um reflexo da segregação territorial nas regiões Norte, Noroeste e Meia Ponte de Goiânia - GO. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 94-116, dez. 2018.

Richardson, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

Rivière, Georges Henri. **La muséologie selon Georges Henri Rivière: cours de muséologie, textes et témoignages**. Paris: Dunod, 1989.

Scheiner, Tereza C. M.; Soares, Bruno C. Brulon. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios 'comuns': um ensaio sobre a casa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: IBICT, 2009. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/view/3311/2437>. Acesso em: 13 ago. 2025.

Soares, Beatriz Rodrigues. Museus, museologia social e patrimônio: reflexões sobre o museu como instituição e como processo. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2008.

Thompson, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, [S. l.], v. 5, p. 1-13, 2009. DOI: 10.51880/ho.v5i0.47. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47>. Acesso em: 31 ago. 2025.

Tuan, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 1980.

Varine, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

b. Depoimentos coletados

Ailton de Sousa Meira. **Depoimento** [18 de abril de 2017]. Entrevistadora: Camila Melo. Goiânia, 2017.

Jackeline Prado Santos. **Depoimento** [28 de agosto de 2025]. Entrevistador: Francil Paulo. Goiânia, 2025.

Hugo Fullaneto. **Depoimento** [29 de agosto de 2025]. Entrevistador: Francil Paulo. Goiânia, 2025.

James Trindade Paniago. **Depoimento** [30 de agosto de 2025]. Entrevistador: Francil Paulo. Goiânia, 2025.

Paulo Henrique dos Santos. **Depoimento** [29 de agosto de 2025]. Entrevistador: Francil Paulo. Goiânia, 2025.

Marcelo Caetano da Silva. **Depoimento** [28 de agosto de 2025]. Entrevistador: Francil Paulo. Goiânia, 2025.

Márcia Santos Brandão. **Depoimento** [28 de agosto de 2025]. Entrevistador: Francil Paulo. Goiânia, 2025.

Luciana dos Santos. **Depoimento** [30 de agosto de 2025]. Entrevistador: Francil Paulo. Goiânia, 2025.

4. Apêndices

Apêndice A – Entrevista com Jackeline Prado Santos

Idade: 32 anos

Profissão: professora

Entrevistador: Francil Paulo

Francil Paulo – Bom dia, Jackeline.

Jackeline – Bom dia.

Jack, que dizer então que você é moradora do conjunto Itatiaia já algum tempo, verdade? Bom Jack, já que você mora no Itatiaia já algum tempo você deve saber muito da história do bairro, por isso vou lhe fazer algumas perguntas pertinentes à memória e à história do bairro. Jack, que tipo de atividades de lazer você participa no bairro?

Aqui tem muita gente que organiza alguns eventos, eu mesmo tenho muita amizade com as mães que levam os filhos no parquinho, onde também levo minha filha porque, claro, sou casada e tenho uma. Nós fazemos outras atividades também. Acho que poderia ter muito mais atividades porque o espaço é amplo. Mas é isso. E coisas relacionadas com a Universidade Federal, como shows, espetáculos musicais no campus durante o ano etc. Aqui no bairro eu acho que é isso, né?

Jack, essas atividades são as mesmas que você fazia quando chegou no bairro?

Eu acho que sim. Agora essa questão do parque, eu ainda não tinha filhos, mas são mais ou menos as mesmas atividades. Mas acho que diminuiu a frequência, porque havia muito mais eventos culturais, como por exemplo a etapa do Encontro Internacional de Malabares que era realizado no Conjunto Itatiaia I. Não sei por que tiraram o encontro daqui, era bastante interessante do ponto de vista cultural. Era tão bom! Eu acho que tinha mais eventos, sempre relacionados com a UFG. Acho que tinha que ter muito mais, devido à proximidade com a UFG [risos].

Jack, que lugares no bairro você frequentava para encontrar amigos, conhecer pessoas?

No próprio parque, já que temos aqui o maior parque de área verde da cidade, ou seja, da capital, Goiânia. Também na pista de skate, nos bares e na feira, entre outros. Nas festinhas organizadas nas casas de amigos, entre outras comemorações. Claro, quando nos convidam [risos].

Jack, e sobre a violência, o que você pensa sobre esse tema no bairro? Você considera a Vila Itatiaia um lugar seguro hoje?

Sim, eu acho um bairro tranquilo para viver, uma vez ou outra você houve falar em assalto até mesmo dentro do campus, mas no geral eu vejo sim, que o Itatiaia é seguro, ando pelas ruas com minha filha e o meu marido com segurança.

Jack, você considera que sua sensação de segurança mudou de quando você chegou no bairro?

Não, eu acho que não, na verdade sinto-me insegura no mundo todo, risos, mas continua igual, em suma, o Itatiaia é um bairro tranquilo para se viver e eu gosto muito daqui.

Jack, você estudou no Colégio Waldemar Mundim? Você se envolveu em atividades culturais esportivas no Colégio tais como: sete de setembro, quadrilha de festas juninas, campeonato de futebol?

Não, eu não estudei no Waldemar Mundim, porque ainda não morava no bairro, estudei em Senador Canedo na área metropolitana de Goiânia, na época que militarizou o Waldemar Mundim, foi quando também militarizou o colégio onde estudei Pedro Xavier. Mas conheci muitas pessoas que, sim, estudaram lá, que participaram em estágios via UFG, não sei como está hoje, mas eu não estudei não no Waldemar Mundim, portanto não participei de nenhuma atividade pro movida pelo colégio.

Jack, você participou de algum projeto de ensino pesquisa extensão da UFG? Você aproveita ou aproveitava algum espaço da UFG tais como: lanchonetes, restaurantes, piscina, quadras, Colégio de Aplicação, você estuda ou estudou, trabalhou na UFG?

Sim, estudei na UFG e participei de vários projetos de dança, de exposições. Agora mesmo, recentemente, participei do Encontro Nacional da UNE, e também aproveitei de vários espaços da UFG. Até hoje participo da vida do bairro com a universidade, acho super importante a participação da comunidade, porque temos um grande privilégio em morar vizinhos de uma universidade tão maravilhosa.

Jack, quero agradecer-te imensamente pela sua participação nesse trabalho de TCC. Muitíssimo obrigado.

Não, eu é que agradeço por você me conceder a oportunidade de manifestar a minha opinião sobre o bairro.

Apêndice B – Entrevista com Hugo Fullaneto

Idade: 39 anos

Profissão: biólogo

Entrevistador: Francil Paulo

Hugo como vai você, tudo bem? Obrigado pela entrevista. Hugo, vamos falar de lazer e sociabilidade no Conjunto Itatiaia. Que tipo de atividades você participa no bairro?

Bom, a atividade mais presente do bairro são as atividades dos parques, da configuração geográfica. Somos cortado por um grande parque ou praça, isso nos proporciona uma gama variada de lazer e atividades, como: futebol, skate, bicicleta e caminhada. Hoje a sociedade está mudada no que se refere à sociabilidade, em relação às crianças, tirando os brinquedos sucateados e as praças também, mas isso é uma questão política, né? Mas é um lugar muito bom para criar e educar uma criança.

Hugo, essas atividades são as mesmas que você fazia quando você chegou ou cresceu no bairro?

Olha, hoje mudou muito. Por imposições da sociedade, hoje as crianças não são as mesmas de antes, hoje você quase não vê crianças brincando no parque, porque elas estão conectadas na tecnologia imposta por essa sociedade. Já não existem mais as brincadeiras saudáveis de antes. Ou seja, realmente mudou muito, não para melhor, mas sim para pior. Mas contamos com a paisagem do Itatiaia que é rica em diversidade, pelo menos isso, né? Eu me lembro da minha infância aqui no bairro, porque nasci aqui, era tudo muito diferente. Hoje em dia está tudo mudado, eu prefiro o tempo de antes.

Hugo, que lugar do bairro você frequentava para encontrar amigos conhecer pessoas?

O parque, né? Me lembro da minha infância, no campo de futebol, que era de terra e hoje está gramado, havia uma nuvem de poeira terrível e em outros pontos do bairro como a praça da pista de skate. Hoje tem muitos lugares ociosos que poderiam ser melhor aproveitados.

Hugo, você considera a Vila Itatiaia um lugar seguro hoje?

O bairro sim é seguro. Acredito que a violência é baixa, até mesmo porque a polícia goiana é bastante ostensiva. Hoje também é até mais seguro do que antes de quando eu era mais jovem.

Hugo, você considera que sua sensação de segurança mudou de quando você chegou ou nasceu no bairro?

Há, com certeza. Sim, com certeza. Hoje em dia a minha sensação de segurança é muito mais do que antes, porque hoje as pessoas já não são mais as de antes. Existe mais segurança sim, mas, querendo ou não, a violência está aí por todos os lados. Você não pode dar bofeira: têm que se resguardar. Tínhamos o posto da Guarda Civil, que hoje está todo depredado, mas, com todos os problemas que se apresentam, o bairro inspira segurança.

Hugo, você estudou no Colégio Waldemar Mundim? Você se envolveu em atividades culturais esportivas no colégio tais como: desfile de sete de setembro, quadrilha de festas juninas e campeonatos de futebol?

Não, eu não estudei nos colégios da região. Mas tenho muitos amigos que sim, que estudaram lá, e que nasceram e cresceram comigo. Mas eu sempre fui em festas promovidas pelo o colégio, como a quadrilha junina e festas de discotecas no tempo. O colégio houve um tempo que havia muita delinquência, muitas drogas, e com a militarização o colégio melhorou bastante.

Hugo, você participou de algum projeto de ensino pesquisa e Extensão da UFG? Você aproveitou ou aproveitava de alguns espaços da UFG, restaurantes, piscina quadras, Colégio de Aplicação?

Então, amigo, já estudei e ainda estudo na UFG. Treinei natação, luta greco-romana, participei sim das atividades da UFG. Mas acho que eu deveria participar mais e falta mais projetos.

Apêndice C – Entrevista com James Trindade Paniago

Idade: 39 anos

Profissão: construtor

Entrevistador: Francil Paulo

James, muito obrigado pela sua entrevista. James, que tipo de lazer você participa no bairro?

Uai, tomar uma cervejinha com os amigos na esquina da praça. É uma atividade que eu gosto bastante. Assar carne, ouvir música.

James, essas atividades são as mesmas que você fazia quando chegou ou cresceu no bairro?

Não, não! [risos] Quando eu cheguei no bairro eu era mais novo. Agora está tudo muito diferente, estou já mais de idade. Antes praticava esportes e outras atividades. Agora eu pratico outras atividades: encontrar com os amigos na praça, jogar conversa fora... E, como eu disse antes, tomar umas! [risos]

James, que lugares no bairro você frequentava para encontrar amigos e conhecer pessoas?

No CSU - Centro Social Urbano, na quadra, no parque e nos barzinhos, sempre! [risos]

James, você considera a vila Itatiaia um lugar seguro?

Sim, o Itatiaia é um bairro seguro, apesar de alguns episódios isolados de violência.

James, você considera que sua sensação de segurança mudou de quando você chegou no bairro?

Sim. É a mesma ou até melhor.

James, você estudou no colégio Waldemar Mundim?

Sim, fiz o Primário e o Ginásio lá, e tenho muitas saudades do tempo do colégio.

Você se envolveu em atividades culturais, esportivas no colégio, como: desfile de sete de setembro, quadrilha de festa junina ou campeonato de futebol?

Sim, em quase todas as atividades principalmente em quadrilhas .

James, você participou em algum projeto de ensino de pesquisa da UFG?

Sim, dos que eram oferecidos no CSU.

James, você aproveita ou aproveitava dos espaços da UFG: piscina lanchonetes restaurantes e Colégio de Aplicação?

Sim, eu costumo ir nos eventos da UFG. Frequentei a piscina e as atividades de futebol de salão.

James, você já estudou ou estuda ou trabalhou na UFG?

Não.

Apêndice D – Entrevista com Paulo Henrique dos Santos

Idade: 57 anos

Profissão: cuidador

Entrevistador: Francil Paulo

Paulo, que tipo de atividades de lazer você participa no bairro?

Lazer? São tantas, né? Ficar na praça e ouvir música, fazer churrasco, ou seja, passar o tempo, conversar com os amigos, bicar as gatinhas! [risos]

Paulo, essas atividades são as mesmas que você fazia quando você chegou ou cresceu no bairro?

Ah, não, não são mais as mesmas porque antes eu era mais novo, agora tudo mudou muito. Hoje o tempo e a idade são outros, já não são mais os mesmos.

Paulo, que lugares no bairro você frequentava para encontrar amigos e conhecer pessoas?

Ah, sim, no CSU, no campo de futebol, na quadra, nos bares, na praça e nas esquinas das ruas, e em outros lugares também do bairro.

Paulo, você considera o Itatiaia um bairro seguro hoje?

Olha, já teve alguns momentos de insegurança no bairro, mas o Itatiaia é um lugar seguro pra se viver.

Paulo, você considera que a sua sensação de segurança mudou de quando você chegou ou nasceu no bairro?

Não, não, eu considero a minha sensação de segurança a mesma de antes, não acho que mudou.

Paulo, você estudou no Colégio Waldemar Mundim?

Sim, estudei lá por muitos anos.

Paulo, você se envolveu em atividades culturais, esportivas no colégio como: desfile de sete de setembro, quadrilha ou campeonatos de futebol?

Sim, me envolvi em muitas atividades. Quadrilha principalmente, e também nos desfiles de sete de setembro.

Paulo, você participou de algum projeto de ensino, pesquisa ou extensão da UFG?

Olha, ter a UFG ao lado do bairro sempre foi um privilégio pra nós moradores do Itatiaia, mas nunca estudei e nunca trabalhei nela, infelizmente.

Você aproveita ou aproveitava de algum espaço da UFG, como: lanchonetes, restaurantes, piscina, quadras ou Colégio de Aplicação?

Sim, já aproveitei dos espaços da UFG, piscina, quadras e dos eventos da UFG e do Colégio de Aplicação.

Apêndice E – Entrevista com Marcelo Caetano da Silva

Idade: 51 anos

Profissão: técnico de áudio e vídeo

Entrevistador: Francil Paulo

Marcelo, que tipo de lazer e atividades você participa no bairro?

Eu participo de todos os eventos do bairro, vou em todos desde as quadrilhas de festas juninas das festas celebradas nas ruas e nas praças do bairro e nas esquinas e do futebol e da pista de skate.

Marcelo, estas atividades são as mesmas que você fazia quando chegou ou cresceu no bairro?

Um sim outras não, porque o tempo mudou e com ele os costumes também, mas ainda preservo algumas delas como a festa de São Joao.

Marcelo, que lugares do bairro você frequentava para encontrar amigos e conhecer pessoas?

No CSU, nos bares, nas esquinas das ruas, na igreja católica e no campo de futebol, e também nas quadras do bairro.

Marcelo, você considera o Itatiaia um lugar seguro hoje?

Sim, apesar dos pesares, a vila Itatiaia em comparação com outros bairros em Goiânia é um paraíso.

Marcelo, você considera que a sua sensação de segurança mudou de quando você chegou ou cresceu no bairro?

Não, pra nada mudou, continuo com a mesma sensação de segurança.

Marcelo, você estudou no Colégio Waldemar Mundim?

Sim, estudei o Primário e o Ginásio lá.

Marcelo, você se envolveu em atividades culturais, esportivas no colégio, como: desfile de sete de setembro, festas juninas e campeonatos de futebol?

Sim, em desfiles de sete de setembro e nas quadrilhas das festas de São João.

Marcelo, você participou em algum projeto de ensino, pesquisa ou extensão da UFG?

Sim, nos projetos de extensão oferecidos no CSU, capoeira e música.

Você estuda ou estudou ou trabalha ou trabalhou na UFG?

Não, nunca estudei lá, e também não trabalhei.

Marcelo, você aproveitou ou aproveitava algum espaço da UFG, como: quadras piscinas ou Colégio de Aplicação?

Claro, como que não, fui em quase todos os eventos promovidos pela UFG e continuo indo, ainda mais que eu trabalho na Asufego - Associação dos Servidores da Universidade Federal de Goiás), eu estou sempre ligado na UFG.

Apêndice F – Entrevista com Márcia Santos Brandão

Idade: 55 anos

Profissão: diarista

Entrevistador: Francil Paulo

Márcia, que tipo de lazer você participa no bairro?

Ah, hoje eu quase nem saio de casa, porque trabalho muito e chego muito cansada. Mas quando posso me reúno com meus conhecidos na praça para tomar umas, falar besteiras, discutir a situação política do país e ouvir músicas, e passar o tempo, às vezes vou com minhas amigas nos forrós nos bares do bairro! [risos]

Márcia, essas atividades são as mesmas que você fazia quando você chegou no bairro?

Não, antes era tudo diferente. Eu era novinha, jogava queimada, pulava corda e elástico. As atividades eram outras, hoje tudo mudou.

Márcia, que lugares no bairro você frequentava para encontrar amigos e conhecer pessoas?

No CSU, para começar, nas quadrilhas de São Joao, nas ruas quando tinha carnaval nas quadras, nas esquinas, nas praças, e não posso esquecer dos bares, né? [risos]

Márcia, você considera a Vila Itatiaia um lugar seguro hoje?

Sim, o Itatiaia é um bairro bastante seguro pra morar. Eu gosto de viver aqui.

Márcia, você considera que sua sensação de segurança mudou de quando você chegou ou nasceu no bairro?

Não, não mudou nada pra mim.

Márcia, você estudou no Colégio Waldemar Mundim?

Sim, vários anos! Eu gostava do colégio. Tenho saudades daquele tempo do Primário e do Ginásio.

Márcia, você se envolveu em atividades culturais, esportivas no colégio, como: sete de setembro, quadrilhas, campeonato de futebol?

Sim, em todas elas! Eu era bastante sapeca! [risos]

Márcia, você participou de algum projeto de ensino pesquisa, ou extensão da UFG?

Sim, no CSU. Eu ia dançar e tratar dos dentes. E frequentar as festas que davam lá. Era legal demais! [risos]

Márcia, você aproveita ou aproveitava algum espaço da UFG: lanchonetes, restaurantes, piscinas, quadras e o Colégio de Aplicação?

Sim, fui muito nas piscinas da UFG fazer natação e hidrogenástica. E também nas lanchonetes e nas quadras jogar vôlei e basquete.

Apêndice G – Entrevista com Luciana dos Santos

Idade: 52 anos

Profissão: autônoma

Entrevistador: Francil Paulo

Luciana, que tipo de atividades de lazer você participa no bairro?

Hoje, somente das reuniões entre amigos nos fins de semana na esquina da rua R-04, churrasco e tomar umas geladas e jogar conversa fora e ouvir música.

Essas atividades são as mesmas que você fazia quando chegou ou cresceu no bairro?

Não, não tem nada a ver. Tudo hoje mudou. Trabalho muito e tenho outra vida agora. Já passou meu tempo de juvenzinha. Agora sou uma coroinha! [risos]

Que lugares no bairro você frequentava para encontrar amigos e conhecer pessoas?

Sempre no CSU, para começar pelas festas e eventos que davam lá. E também na praça, nas quadras e nos barzinhos, e festinhas nas casas. Claro, quando me convidavam” [risos]

Luciana, você considera a Vila Itatiaia um lugar seguro hoje?

Não só hoje, sempre aqui foi um bairro tranquilo pra morar.

Você considera sua sensação de segurança a mesma de quando você chegou ou nasceu no bairro?

Sim, eu considero a mesma.

Você estudou no Colégio Waldemar Mundim?

Sim, eu estudei toda a minha vida lá. Era muito bom, tenho saudades.

Você se envolveu em atividades culturais, esportivas no colégio, como: desfile de sete de setembro, quadrilha e campeonato de futebol?

Claro, principalmente nas festas juninas todos os anos. E também, em sete de setembro, eu participava sim, eu até hasteava a bandeira do Brasil e sabia cantar o hino nacional todinho sem errar.

Luciana, você participou de algum projeto de ensino, pesquisa ou extensão da UFG?

Sim, em vários. Quando ainda existia o CSU, principalmente a dança, eu não perdia nenhuma aula, ia em todas, também na capoeira.

Você, estuda ou estudou trabalha ou trabalhou na UFG?

Não, nunca estudei e nem trabalhei lá na UFG.

Você aproveita ou aproveitava algum espaço da UFG como lanchonetes, restaurantes, piscinas quadras ou Colégio de Aplicação?

Sim, já fui muito na piscina da UFG, e também nas quadras do Colégio de Aplicação.